

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**. Ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.

PEDRO ANTÔNIO GREGORIO DE ARAUJO¹

Jessé de Souza é sociólogo formado em direito pela Universidade de Brasília (1981), mesma instituição em que fez seu mestrado em sociologia (1986). Possui doutorado em sociologia pela Universidade de Heildeberg (Alemanha) (1991), e conseguiu livre docência no mesmo país pela Universidade de Flenesburgo em 2006. Também realizou pós-doutorado em sociologia na New School of Social Research em Nova Iorque, Estados Unidos (1994/1995). Atualmente, é professor titular de Ciência Política na Universidade Federal Fluminense, que fica em Niterói no Rio de Janeiro.

Em 2009, Jessé de Souza começa uma pesquisa sociológica para opor-se a tese de que teria surgido uma nova classe média no Brasil. O sociólogo constatou exatamente o oposto: há uma reconfiguração das classes “ralé” e “batalhadores”. São estes dois fenômenos que Souza analisa em *A ralé brasileira: quem é e como vive* e *Os batalhadores brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?*, respectivamente (ambos publicados pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais, sendo este, primeiramente, publicado em 2010, e aquele em 2009). E os resultados de sua pesquisa deságuam no livro que resenharemos: *A Tolicia da Inteligência Brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*.

Nesta obra, o autor, usando uma abordagem weberiana, tem a seguinte tese: a elite que é 1% da população explora o restante do povo (99%). Trata-se de uma violência legitimada pela convivência das teorias dos intelectuais brasileiros que demonizam a *res publica*. Os acadêmicos tradicionais (algumas das figuras dissecadas na obra de Jessé de Souza: Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Raymundo Faoro, entre outros) fazem esta oposição falsa: o Estado maligno versus o mercado virtuoso. Esta é concepção de sociedade que tais intelectuais formularam, sendo, depois disseminada facilmente como ideologia liberal, legitimando o interesse privado acima do interesse público.

¹ Acadêmico do Curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5403971946627409>

Tudo isto teria começado, segundo Jessé de Souza, com Gilberto Freyre. Este deu início ao conservadorismo cultural, quando criou o mito da “herança maldita” portuguesa. A colonização portuguesa está na origem da doença do “patrimonialismo”, isto é, o Estado é o gerador da corrupção. Esta ideia leva a crer que não há corrupção nas empresas privadas. Freyre teria, também, dado o pontapé inicial para o mito da inferioridade: o brasileiro é o corpo, o emocional, o irracional, o sexual, enquanto o europeu e o americano são a mente, o intelecto, o racional. O Brasil é, segundo este mito, o inerentemente inferior, ele teria de se espelhar nos países superiores. Esta é a origem da idealização dos Estados Unidos, ou seja, pensar que nos Estados Unidos não há corrupção. Ora, isso é um engano, pois é precisamente lá onde ocorre a legalização do lobbying, permitindo que os interesses privados das empresas sejam mais fortes do que o interesse público.

As teorias de Freyre são, posteriormente, tomadas por Sérgio Buarque de Holanda, o autor de *Raízes do Brasil*. Ele é o teórico responsável pela popularização da ideia do homem cordial, segundo Jessé de Souza. O brasileiro seria o indivíduo que dá tudo para os amigos, e para os inimigos a lei pesada. O personalismo é institucionalizado no Estado, que, assim como o homem cordial oferece privilégios aos amigos, e age de modo implacável em relação aos inimigos, como diz o dito popular: “Para os amigos tudo, para os inimigos todo o rigor da lei”. A teoria de Sérgio Buarque de Holanda é usada para legitimar a idealização dos Estados Unidos. O mesmo se repete com a interpretação do Brasil feita por Raymundo Faoro, pois o jurista afirma o Estado como vilão, e o mercado como salvador. Por meio deste pensamento, propõe-se “higienizar o Estado”, isto é, deixar que o privado controle o público, permitindo e expandindo a hegemonia que a elite tem em relação às outras classes: classe média, batalhadores e ralé. A elite tem a propriedade econômica, o poder político e os meios de informação, mas quem exercita este poder é a classe média, que é manipulada para fazer aquilo que o 1% deseja. A classe média possui o capital cultural que é monopolizado pela elite detentora do dinheiro.

Esta é a crítica que Jessé de Souza faz ao conservadorismo cultural. Porém, ele não se limita apenas a esses pensadores. Há também uma crítica ao pensamento “economicista”, de matriz marxista, em que se incluem os pensadores tais como Caio Prado Jr., Francisco de Oliveira e Florestan

Fernandes. Segundo Souza, tais pensadores se focam demasiadamente no aspecto econômico da sociedade e ignoram outras questões políticas. Eles pensam tudo a partir da economia, ou seja, os “economicistas” não teriam percebido que o capitalismo não é apenas um modo de produção econômico, mas também um modo de produção moral. Porém Jessé de Souza parece estar equivocado nesta opinião, pois segundo o pensamento de Karl Marx, a moral, assim como a religião, a arte, a cultura, as ideias em geral, são um produto da base econômica (relações de produção) de determinada sociedade. A base econômica influencia a superestrutura cultural, isto é, a produção econômica tem uma forte implicação na produção cultural e ideológica da sociedade. A ideologia de uma sociedade está organicamente relacionada com a sua base econômica. A ideologia influencia e ajuda a manter a base econômica: pensadores marxistas posteriores como Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Antonio Gramsci demonstraram como a análise da superestrutura tem tanta importância quanto a análise da infraestrutura, ou seja, a infraestrutura monta a superestrutura, porém, há uma dialética entre as duas estruturas. Portanto, dizer que pensadores de viés marxista como Florestan Fernandes e Caio Prado Jr. são “economicistas” e cúmplices da exploração parece ser um equívoco do autor.

Para Jessé de Souza, as duas teorias servem apenas para legitimar a exploração do 99%: a classe média, os batalhadores, e ralé. A classe média possui o capital cultural e exercita o poder, no entanto, ela não percebe que está sendo manipulada pelo 1%. Este 1% consegue fazer com que a classe média vá para as ruas defender medidas que a oprima ainda mais. A classe média é feita de tola também ao demonizar o Estado, pois, age em prol da elite que manda na economia, na política e na informação. A relação de poder fica ainda mais complexa, uma vez que a classe média consome como a classe A, e explora os batalhadores e a ralé, ao roubar aquilo de há de mais precioso: o tempo. Isso ocorre, quando a classe média contrata alguém para fazer trabalho manual para si. Ela contrata o tempo desta pessoa, fazendo com que ela venda o tempo que poderia usar para o seu desenvolvimento pessoal. Aquele que contrata uma empregada doméstica, por exemplo, está usando este tempo aproveitando para o estudo, enquanto a empregada perde o seu. A classe média está num dilema: ao mesmo tempo em que ela busca a ascensão, ela teme a queda.

Ela tem ressentimento quanto àqueles que estão abaixo dela. Esse ressentimento gera ódio, que Souza chama, “racismo de classe”, legitimado pelas teorias dos intelectuais brasileiros. Friedrich Nietzsche afirma que o ressentimento não é afirmativo, mas negatividade pura, um “não” absoluto, ou seja, o ressentimento nunca é criador, mas reacionário e retrógado.

A realidade é que a maioria da população brasileira foi abandonada pelo Estado e pela sociedade, por causa deste “racismo de classe”. Então, quando alguém busca subir por meio do trabalho, da formação, e da influência religiosa, este é o batalhador. A classe trabalhadora precária, que ao ser abandonado pela sociedade e pelo Estado, busca espelhar-se nos pais, assim como faz a classe média no processo de imitação. Por exemplo, o batalhador tem um pai, que é um pedreiro. O filho o imita, reproduzindo a situação em que se encontra. Esta é a nova classe trabalhadora fragilizada. Ela atribui todo seu sucesso às igrejas neopentecostais e ao mérito pessoal. Ela é incapaz de perceber como os programas sociais a ajudaram a ascender.

É necessário desmascarar os pressupostos dos intérpretes do Brasil, isto é, seu colonialismo internalizado, sua demonização do Estado e o enaltecimento do mercado, sua idealização dos Estados Unidos e a inferiorização de si. Estes prejuízos são elitistas e legitimam um discurso e uma visão de mundo utilizados para oprimir as classes baixas. Estas ideias são naturalizadas como algo que esteve sempre presente, sendo que na realidade, estes conceitos são fabricados para legitimar os interesses privados acima do público. O Estado precisa ser apropriado pela maioria da população, e não pela minoria como é feito atualmente. Um Estado pelo, para, e do povo.